

Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens



Angela Maria Gomes
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

Notas sobre Literatura,
Leitura e Linguagens

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens [recurso eletrônico] /
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;
v.1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-069-8

DOI 10.22533/at.ed.698192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ALTERNÂNCIA PRONOMINAL NA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL /NÓS/ E /A GENTE/ NA FUNÇÃO DE SUJEITO	
Jocelia dos Santos Rodrigues Raquel Xavier Migueli	
DOI 10.22533/at.ed.6981925011	
CAPÍTULO 2	8
A CREDIBILIDADE EM PROPAGANDAS POLÍTICAS: UMA ANÁLISE MULTIMODAL	
Lirane Rossi Martinez	
DOI 10.22533/at.ed.6981925012	
CAPÍTULO 3	24
A EROTIZAÇÃO NA POÉTICA DE GILKA MACHADO: A CRÍTICA DE ONTEM <i>VERSUS</i> A CRÍTICA DE HOJE	
Neivana Rolim de Lima Cássia Maria Bezerra do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.6981925013	
CAPÍTULO 4	34
A ESCRITA DO ALUNO SURDO: INTERFACE ENTRE A LIBRAS E A LÍNGUA PORTUGUESA	
Maiara Scherer Machado da Rosa Andrea Bernal Mazacotte Kelly Priscila Lóddo Cezar	
DOI 10.22533/at.ed.6981925014	
CAPÍTULO 5	46
A ESTRUTURA COMPOSICIONAL DAS SENTENÇAS JUDICIAIS DE PRONÚNCIA E CONDENATÓRIAS: PLANOS DE TEXTO E SEQUÊNCIAS TEXTUAIS	
Cláudia Cynara Costa de Souza Maria das Graças Soares Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.6981925015	
CAPÍTULO 6	59
A INTERFACE ENTRE ORALIDADE E ESCRITA NO GÊNERO TEXTUAL TIRA EM QUADRINHOS	
Antonia Maria de Freitas Oliveira Francisca Fabiana da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6981925016	
CAPÍTULO 7	70
A LEITURA LITERÁRIA A PARTIR DE <i>DON QUIXOTE DE LA MANCHA</i>	
Maria Cristina Ferreira dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6981925017	
CAPÍTULO 8	81
A LEITURA LITERÁRIA COMO AUXÍLIO PEDAGÓGICO: O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM FOCO	
Marcus Vinicius Sousa Correia Emanoel Cesar Pires de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.6981925018	

CAPÍTULO 9	89
A LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO: IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR	
Eliane Travensoli Parise Cruz Vera Lúcia Martiniak	
DOI 10.22533/at.ed.6981925019	
CAPÍTULO 10	105
A MEDIAÇÃO DE LEITURA DE DONA BENTA EM <i>FÁBULAS</i> , DE MONTEIRO LOBATO	
Patrícia Aparecida Beraldo Romano	
DOI 10.22533/at.ed.69819250110	
CAPÍTULO 11	116
A NOÇÃO DE LIGAÇÃO NO <i>ATLAS DO CORPO E DA IMAGINAÇÃO</i> , DE GONÇALO M. TAVARES	
Alessandro Carvalho Sales	
DOI 10.22533/at.ed.69819250111	
CAPÍTULO 12	124
A Poesia Visual de Tchello d' Barros: uma proposta pedagógica	
Renata da Silva de Barcellos	
DOI 10.22533/at.ed.69819250112	
CAPÍTULO 13	141
A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA DO TRAUMA EM <i>HÁ VINTE ANOS</i> , LUZ DE ELSA OSORIO: SOB O OLHAR DA PERSONAGEM LUZ	
Margareth Torres de Alencar Costa Naira Suzane Soares Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.69819250113	
CAPÍTULO 14	154
A TRANSPOSIÇÃO DE ROMEU E JULIETA PELA TURMA DA MÔNICA	
Tiago Marques Luiz	
DOI 10.22533/at.ed.69819250114	
CAPÍTULO 15	165
A ÚLTIMA CANÇÃO DE BILBO: UMA VIAGEM PELO VERBAL E NÃO-VERBAL NA TERRA MÉDIA	
Renata Andreolla	
DOI 10.22533/at.ed.69819250115	
CAPÍTULO 16	179
ANÁLISE DOS CONTOS <i>A OUTRA MARGEM DO RIO</i> , DE GUIMARÃES ROSA, <i>E NAS ÁGUAS DO TEMPO</i> , DE MIA COUTO	
Regina Costa Nunes Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.69819250116	
CAPÍTULO 17	189
AS FALAS, SONS E SILÊNCIO EM <i>VASTAFALA</i> DE ANTONIO BARRETO ¹	
Janusa Guimarães Gomez	
DOI 10.22533/at.ed.69819250117	

CAPÍTULO 18	203
AS HQ'S NA ALFABETIZAÇÃO: QUAIS ESTRATÉGIAS AS CRIANÇAS UTILIZAM PARA ENTENDÊ-LA?	
Márcia Antônia Dias Catunda	
DOI 10.22533/at.ed.69819250118	
CAPÍTULO 19	212
AS VOZES NARRATIVAS EM BUSCA DE SUAS RAÍZES	
Denise Moreira Santana	
Wilton Barroso Filho	
DOI 10.22533/at.ed.69819250119	
CAPÍTULO 20	221
AS "NARRATIVAS BREVES" DE MARINA COLASANTI E A FORMAÇÃO DE LEITORES: UMA PERSPECTIVA INTERTEXTUAL	
Valeria Cristina de Abreu Vale Caetano	
DOI 10.22533/at.ed.69819250120	
CAPÍTULO 21	229
CONTAR E ENCONTRAR: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO CONTADOR DE HISTÓRIAS	
Eliandra Cardoso dos Santos Vendrame	
Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.69819250121	
CAPÍTULO 22	240
DE ISAURA PIANISTA AO HIP-HOP COMO PRODUÇÃO CULTURAL DA DIÁSPORA NEGRA: PROCESSOS DE COLONIALIDADE X DESCOLONIALIDADE	
Osalda Maria Pessoa	
DOI 10.22533/at.ed.69819250122	
SOBRE A ORGANIZADORA	254

DE ISAURA PIANISTA AO HIP-HOP COMO PRODUÇÃO CULTURAL DA DIÁSPORA NEGRA: PROCESSOS DE COLONIALIDADE X DESCOLONIALIDADE

Osalda Maria Pessoa
(SEDUC – PI)

Mestra do Instituto Pedagógico Latino-Americano
y Caribeño – Havana/Cuba e Dra. da Universidad
Internacional Tres Fronteras, Asunción – PY.
e-mail: osaldampessoa@outlook.com*

INTRODUÇÃO

Por incrível que pareça, ainda é preciso problematizar a visão eurocêntrica prevalecente na história oficial da educação pública brasileira, especialmente sobre as práticas de letramento no Ensino Médio. Ao destacarem os processos de escravização vividos em nosso país, estudos como os de Barros (2005); Fonseca (2005); Araújo e Silva (2005); Cunha (2005); Cardoso (2005); Cruz (2005) e Souza (2011) apresentam contribuições importantes para a análise dos modos desiguais de inserção da população negra e branca no universo escolar e social. Em meio a este cenário, a leitura, a escrita e a oralidade, mais próximas da concepção e modelos europeus, observadas nestes estudos na autobiografia de Isaura (escrava branca, de educação refinada, vivendo o processo de colonialidade) impõem-se por séculos a fio como padrão cultural, ganhando mais visibilidade

e legitimidade em detrimento da oralidade e dos saberes vernáculos autogerados pelas populações negras de ascendência africana.

Numa perspectiva diferente de linguagem, de ensino e letramento, definiu-se como objetivo geral: discutir sobre os letramentos no hip-hop, os processos de (des) colonialidade, pondo em confronto o eurocentrismo, através da autobiografia de Isaura, desenhada por Bernardo Guimarães em 1875 versus as narrativas de si, na autobiografia de Dimenor (2011), produzida no projeto Hip-Hop Educando pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, como estratégia de ensino. Cabe destacar neste trabalho os aspectos bakhtinianos da linguagem na ótica do letramento no hip-hop por considerar os discursos em relação ao lugar e posição que os sujeitos ocupam no quadro da dinâmica política, econômica e cultural. Nesse sentido colocam-se em pauta, nestes estudos, os seguintes objetivos específicos:

- Levantar dados sobre os modos desiguais de inserção da população negra na educação básica;
- Apontar para a superação da visão eurocêntrica das práticas de letramentos e do processo de colonialidade presentes no ensino médio;
- Confrontar as autobiografias de Isaura x Dimenor, as práticas de letra-

mentos e os processos (des) coloniais;

- Contribuir com os letramentos críticos e para a formação do pensamento descolonial no resgate da história, cultura e identidade dos negros no ensino médio.

O ensino de Literatura Afro-Brasileira deve focar os modos desiguais de inserção da população negra e branca no universo social e escolar, reexistir à hegemonia da visão eurocêntrica das práticas de letramentos que prevalecem no ensino médio público a partir de movimentos de afirmações, rupturas e ressignificações.

Deve-se valorizar o hip-hop como produção cultural da diáspora negra, resgatá-lo nas aulas como práticas de letramentos de resistência e reexistência, para ressignificação da história, cultura e identidade dos (as) negros (as) nos espaços escolares. A inclusão da Literatura Afro-Brasileira nos estudos literários do ensino básico leva a uma descentralidade do enfoque do sistema literário nacional, incluindo-se novas escrituras e novas vozes com todas as implicações que abrangem essa mudança, desde que as práticas de letramento coloquem em foco as questões históricas, culturais, sociais e identitárias.

Modos desiguais de inserção da população negra e branca no universo social e na educação básica

Mesmo apesar dos avanços do sistema brasileiro de ensino, ainda há muito o que fazer para a efetivação de uma educação que se mostre capaz de concretamente acolher todas as diferenças, com igualdade de direitos, de modo a se enfrentar formas e mecanismos de exclusão que ainda impedem que a escola seja espaço de equidade. Em razão dos lugares sociais ocupados ou dados a ocupar na sociedade, os efeitos perversos da escravização se estendem aos modos socioculturais de usar a leitura, a escrita e a oralidade, bem como aos sentidos dessas práticas para brancos e negros, mesmo passado tanto tempo após a abolição da escravatura.

Moysés (1995) coloca que os negros deslocados de seus locais de origem conhecem, além da ruptura espacial, a diluição de sua organização política e social, tradicionalmente ancorada na cultura oral. Barros (2005) revela em sua pesquisa sobre o mesmo tema que, especialmente entre o final do século XIX e o início do século XX, existiu no Brasil *‘uma ação branca’ e ‘uma ação negra’*, um processo segregacionista de escolarização. Em meio a este cenário, a escrita escolar, da mesma forma que algumas práticas letradas, mais próximas da concepção e modelos europeus, ganharam maior visibilidade e legitimidade em detrimento da oralidade e dos saberes vernáculos autogerados pelas populações negras de ascendência africana.

Na sociedade, bem como na escola, a presença do corpo negro e de seus valores civilizatórios, suas culturas e crenças não aceitos, impele um posicionamento tão temeroso, uma vez que o domínio das letras poderia facilitar rebeliões, insurgências e desobediências. Submetidos à língua oficial, no caso a portuguesa, os negros percebem

que os modos de ver o mundo e a sustentação de suas histórias e memórias, perdem também o lugar original, o lugar de produção de sua palavra.

Sem o domínio do lugar de produção linguística, a palavra também escravizada é transformada não apenas em silêncio, “mas na ausência da palavra, da palavra, enquanto criação ideológica” (MOYSÉS, 1995, p.56), dando voz e vez à palavra de outrem, originando um discurso ordinário produzido pelo outro e para o outro. Quando estão inseridos no interior do mundo letrado, os contatos com os escritos geralmente mantêm vínculos com a condição de escravizados: na escuta de textos mediados pela voz de um branco, acompanhando os movimentos de leitura de textos e de imagens religiosas e, posteriormente, nos espaços urbanos em que a atividade comercial os levava a contar.

Cabe lembrar que os negros desumanizados, sem lugar para sua identidade cultural e sua própria língua materna vendiam livros, de porta em porta, de romancistas famosos do Brasil, mas não eram leitores dessas obras clássicas. Isso nos permite à compreensão de que a língua europeia criava um não lugar na sociedade escravocrata, isolando-os de todas as maneiras, especificamente pela interdição à escolarização formal. O eurocentrismo, mito criado a partir de interesses europeus passou a diferenciar Europa de África e América, a partir da categoria raça e das questões de poder.

A destituição da legitimidade da língua, da palavra africana, representa, por um lado, uma ruptura com sua identidade étnica e, por outro, um primeiro confronto com a cultura da língua escrita europeia. Sucedem-se as rupturas, as negociações e os confrontos, com proibições e cerceamentos aos negros. Os usos da linguagem, tanto oral quanto escrita, ocorrem na clandestinidade. Ser leitor branco difere de ser leitor negro, pois, para o negro, o modo de ser leitor inscreve-se em um duplo percurso, que não favorece a sustentação de sua identidade de leitor.

Cria-se a representação de que, como inferior e selvagem o negro precisa ser civilizado para ser leitor. Para ser leitor, dentro de um processo em que a palavra escrita é europeia e responde às teorias racistas vigentes, é preciso embranquecer. As leituras de negros e mestiços, marcadamente influenciadas pela tradição oral desvalorizada, juntamente com seu corpo de descendência africana, não têm um lugar, se comparadas aos valores da leitura e da escrita da língua europeia, ensinados na e fora da escola.

Conforme Moysés (1995), antes da abolição, os índices oficiais informam que, para cada mil escravizados, existia um alfabetizado. Escravizados que aprendiam a ler e que constavam estatisticamente como alfabetizados eram poucos porque as medições eram incapazes de captar as outras formas de apropriação da leitura e da escrita que ocorriam, clandestinamente. Os índices da época, ancorados na relação entre escolarização e alfabetização socialmente legitimadas no espaço escolar, pouco ou nada revelam sobre as práticas culturais, recriações e usos de uma língua oral ou escrita por parte dos negros, escravizados ou libertos. Atentar para as formas culturais

exige compreender os diferentes caminhos para antever os processos de letramentos empreendidos por diferentes grupos sociais e culturais.

Na escola de hoje, especificando a educação básica, alguns valores e princípios nem sempre são pertinentes à valorização de diferentes grupos sociais e culturais, inclusive se depender dos aspectos identitários como classe, gênero, etnia, sexo e raça que socialmente hierarquizam e inferiorizam determinados grupos. A falta de equidade mostra-se mais aguda para as pessoas de ascendência africana em cujos corpos os traços xenotípicos ainda são motivos de preconceitos e discriminação, nem sempre explicitados, verbalmente, mas sempre relatados em diversas pesquisas educacionais.

Dados do Censo Escolar de 2007, analisados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA em 2008 revelam a falta de equidade, quando mostram que entre brancos de 15 a 17 anos, 70% haviam concluído o ensino fundamental, enquanto entre os negros, apenas 30%. No ensino médio, 62% de jovens brancos, de 15 a 17 anos, estavam na escola, enquanto o percentual de negros na mesma faixa etária era de 31%. Considerando-se o grupo de estudantes na faixa etária dos 19 anos, 55% de brancos concluem o ensino médio, enquanto apenas 33% de negros conseguem o mesmo. Além disso, da população branca acima de 25 anos, 12,6% detêm diploma de curso superior, enquanto dentre os negros a taxa é de apenas 3,9%.

Dentre as razões da não permanência da maioria dos negros na escola figuram com expressividade as diferenças de tratamento e distribuição de afeto em relação a jovens brancos e negros; a raridade de materiais didáticos que abordem positivamente a história e as culturas africanas e afro-brasileiras; as práticas culturais e de letramentos centradas na visão europeia; a pouca importância atribuída aos conflitos que envolvem bullying e, até mesmo, o silenciamento e o medo diante do nome ‘negro’ ou ‘preto’, que se configura num drama no cotidiano da escola.

O fato é que a desigualdade racial persiste na sociedade brasileira e os números evidenciam que um dos efeitos da situação de desvantagem também se manifesta na escola que, a despeito de algumas transformações, mantém pouco alterada a média de anos de estudos entre brancos e negros. De acordo com Henriques (2001, p.20), “a média de estudos dos adultos brancos é de 6,6 anos, enquanto os negros adultos têm em média 4,4% anos”. No início do século XXI, a diferença, de mais de dois anos, é praticamente a mesma do final do século anterior, de forma que se pode considerar que ainda existem um *‘Brasil branco’* e um *‘Brasil negro’*, embora o sistema educacional tenha avançado do ponto de vista da democratização do acesso para todos, mas não tem garantido a permanência e o sucesso.

E o que os negros fizeram ou fazem para sair do não lugar, para recuperar seu lugar original, o lugar de sua palavra? Conforme os estudos de Fonseca (2005), Araújo e Silva (2005), Cunha (2005), Cardozo (2005) e Cruz (2005), faz-se importante relatar que desde os séculos XIX e XX não é de se espantar que o segmento negro, silenciado, mas não passivo, trabalha nos espaços das instituições em favor da escolarização

da população negra, destacando dentre outros exemplos históricos, as atuações da Frente Negra Brasileira – FNB (1930), do Teatro Experimental Negro – TEM (1940), instituições estas que, juntamente com outras atividades culturais e políticas, mantinham salas de alfabetização de pessoas negras adultas não escolarizadas em seus locais de atuação.

As ações educativas nos mais variados espaços: casas, igrejas, centros acadêmicos, firmaram-se como espaços de formação e sustentação de projetos para fins culturais e políticos e deram impulsos a criação de instituições e ações atuais como o Congresso de Pesquisadores Negros – COPENE, que reúne pesquisadores (as) estudiosos (as) da temática das relações raciais; a Associação Brasileira de Pesquisadores (as) Negros (as) – ABPN, que reúne estudiosos do tema de todo Brasil, e os Núcleos de Estudos Afro-brasileiros – NEABs. Esses espaços são lócus de práticas de letramentos que devem ser compreendidos como espaço em uso, no qual a ação social é produzida, em meio a relações de poder, intenções e conflitos dos diversos sujeitos que o integram.

O África Brasil 2017 faz parte das ações afirmativas e de rupturas dos padrões coloniais europeus impostos aos negros e consolidou uma de suas melhores versões a partir do tema Narrativas e Cidadania, tornando-se um evento de grande envergadura para o Núcleo de Estudos Afros – NEPA, da Universidade Estadual do Piauí sob o capitaneamento do Prof. Dr. Élio Ferreira, em que foram abertos espaços de formação e discussão sobre a história, cultura e identidade dos africanos, afro-brasileiros e indígenas, a partir da realização do V Encontro Internacional de Literaturas, Histórias e Culturas Afro-Brasileiras, do VII Colóquio de Literatura Afro-Brasileira e Africana, IV Salão do Livro Universitário – SALIU/UESPI e do I Encontro Internacional de Culturas Afrodescendentes e Indígenas da América Latina e Caribe – UESPI/ADHILAC – Brasil.

Superação da visão eurocêntrica das práticas de letramento no ensino médio

Mas o que a escola atual, especificamente através das práticas de letramentos no ensino médio, pode fazer para a maior inserção dos (as) negros (as) nos espaços escolares, no sentido de recuperar seu território linguístico? Os letramentos de resistência e reexistência mostram-se como possibilidades singulares, pois, ao capturarem a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados, através das práticas validadas de uso social da língua, ensinadas e aprendidas na escola formal. Letramentos de reexistência aqui será a reinvenção de práticas de letramentos que os ativistas da diáspora negra realizam, reportando-se às matrizes e aos rastros de uma história e cultura pouca contadas.

As práticas de letramentos no ensino médio configuram-se como processos a serviço da dominação e/ou da libertação, isto é, da colonialidade e/ou da descolonialidade? Constroem uma nova identidade cultural necessária para a emancipação dos negros? A singularidade está nas microrresistências cotidianas ressignificadas nas práticas de

linguagem, não apenas quanto às temáticas abordadas na leitura e na escrita, mas também nas formas de dizer, o que remete tanto à natureza dialógica da linguagem como também às proposições dos estudos da pragmática cultural, que revelam que as identidades sociais, sempre em construção, se dão de forma tensa e contraditória, próprias de situações em que estão em disputa lugares socialmente legitimados.

Deste modo, sugere-se a mudança das práticas tradicionais de leitura e escrita no ensino médio, principalmente de obras que tratam de personagens negras construídas com base em modelos estereotipados da cultura europeia, neste caso em estudo, *Isaura - a pianista*, visando à desconstrução das marcas do seu processo de colonialidade, em busca do resgate da história, cultura e identidade próprias do negro, de sua humanização. Por tais razões também neste estudo legitima-se o movimento hip-hop pelo fato de lançar novos olhares sobre as práticas de letramentos no ensino médio, apontando-se para as marcas do processo de descolonialidade dos ativistas negros, neste caso em estudo, através da autobiografia do Dimenor (narrativas de si, 2011).

Para iniciar a discussão sobre as singularidades dos usos sociais da linguagem no ensino médio, tomamos como válidas as perspectivas dos novos estudos de letramentos, que compreendem as práticas de letramentos como múltiplas e historicamente situadas. “Longe de serem homogêneas, pois modeladas e construídas culturalmente, são marcadas pela heterogeneidade e estão relacionadas aos papéis e aos lugares sociais que ocupamos, ou somos impelidos a ocupar na sociedade” (SOUZA, 2011, p. 34). A linguagem e o sujeito que a produz exerce a função dialógica, na visão de Volóshinov/Bakhtin (1929/1995). Antes de chegar ao enunciado, é preciso tratar das formas e dos tipos de interação verbal, em relação com as condições concretas em que realizam as formas das enunciações conectadas com a dinâmica da vida e a criação ideológica a que os enunciados se prestam nas interações verbais.

Nesta perspectiva os letramentos podem ser mais bem compreendidos como “um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder” (KLEIMAN, 1995:11). Essa concepção de linguagem obriga os sujeitos da interação a considerar diferentes valores, funções e configurações que o fenômeno assume para os diversos grupos, a depender dos contextos locais e de referenciais culturais específicos.

Pesquisa cartográfica e etnografias das vozes nas autobiografias

Os docentes do ensino médio ao perceberem o caráter social e plural das práticas de letramentos, “devem validar tanto as práticas adquiridas por meio de processos escolarizados, nas esferas mais institucionalizadas, como as adquiridas em processos e espaços de aprendizagem em distintas esferas do cotidiano, como a casa, a rua, o trabalho, a religiosidade” (BARTON; HAMILTON, 2000). Espaços que ganham diferentes sentidos e apresentam distintas formas de engajar os sujeitos ou

grupos sociais. Tais ideias contribuem para o entendimento dos múltiplos sentidos atribuídos à linguagem, aos diferentes modos de ler, escrever e falar que caracterizam as histórias e trajetórias de letramentos dos diferentes grupos.

Quando se trata de questões de identidade, estando vinculados aos letramentos, faz-se necessário analisar as práticas sociais dos sujeitos envolvidos. Nesse contexto surge a cartografia para o acompanhamento dos processos inventivos e da produção de subjetividades. Adotou-se como método o cartográfico (pesquisa-intervenção), mais próximo dos movimentos da vida – “um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude” (PASSOS; KASTRUP; ESCOSSIA, 2015, p. 10-11), considerando as realidades sociais e cotidianas, o compromisso político e ético com a produção de práticas inovadoras de letramentos.

“A pesquisa etnográfica e seus vários métodos de coleta de dados viabilizam ao (à) pesquisador (a) desenvolver um quadro o mais completo possível das vidas das pessoas e o lugar que as práticas de letramentos ocupam aí” (FONTENELE, 2014, p. 83). Com esta intenção, nestes estudos, evidencia-se o movimento cultural hip-hop como uma agência de letramento que apresenta pontos em comum com as diversas experiências educativas de grupos do movimento social negro e, dentro dessa perspectiva, analisa-se a autobiografia de Isaura e do ativista negro *Dimenor* que desempenha seu papel histórico ao incorporar, criar, ressignificar e reinventar os usos sociais da linguagem, os valores e intenções do que chamamos letramentos de reexistência.

A esse respeito, o uso da etnografia das falas de Isaura e Dimenor nestes estudos, nos diz nas autobiografias como os letramentos são considerados práticas socioculturais que nos possibilitam a perceber seus usos e significados em seus contextos culturais específicos, para reconhecermos quais letramentos estão presentes na vida dos dois e os possíveis desdobramentos que daí decorrem. Adotar a teoria dos letramentos sociais é entender os letramentos contextualizados no tempo e no espaço.

Dessa forma, o método etnográfico é adequado para dar conta das análises, já que torna possível examinar em detalhes o papel dos letramentos nas vidas de Isaura e Dimenor e nas histórias e tradições das quais eles fazem parte. O uso da etnografia em educação deve envolver uma preocupação em pensar o ensino e a aprendizagem dentro de um contexto cultural amplo, isso torna indispensável adotá-la em um estudo sobre letramentos de reexistência. Ambos os métodos se complementam, quando percebemos que a etnografia possibilita a aproximação das pessoas para alcançar melhor compreensão de suas práticas de linguagem, e que a cartografia ajuda a marcar as linhas de força, as amplitudes e os afetos que atravessam essas práticas.

As autobiografias de Isaura x Dimenor, as práticas de letramentos e os processos (des) coloniais;

Colonialidade deve ser entendida como as relações coloniais de dominação,

opressão e exploração que se mantém no mundo contemporâneo ou modernidade tardia em decorrência da hegemonia do sistema-mundo patriarcal, capitalista, colonial do modelo europeu. “A ideia de raça e racismo se torna o princípio organizador que estrutura todas as múltiplas hierarquias do sistema-mundo, de modo que toda estrutura social passa a considerar as diferenças entre europeus e não-europeus” (QUIJANO, 2005, p.34)

Ao esconder o lugar do sujeito da enunciação, a dominação e a expansão coloniais euro-americanas conseguiram construir por todas as regiões do globo uma hierarquia de conhecimento superior e inferior e, conseqüentemente, de povos superiores e inferiores” (GROSFOGUEL, 2010, p. 460 -461). As práticas de letramentos no ensino médio se configuram como processos a serviço da dominação, opressão e exploração, isto é, a serviço da colonialidade. A colonialidade é uma nova forma de opressão, que possibilita a manutenção de identidades dominadas e dominantes.

A colonialidade do ser se concretiza por meio das experiências de vida dos dominados; mais que introjetado na mente, aquele que oprime está nas práticas cotidianas dos oprimidos. É dada como um fatalismo naturalizado. “Es la que ejerce por medio de la inferiorización, subalternización y la deshumanización; niega-se el estatuto de humanidad de los pueblos subalternizados” (WALSH, 2008, p. 38). Mas o que a escola atual, especificamente através das práticas de letramentos no ensino médio, pode fazer para maior inserção dos (as) negros (as) na escola, no sentido de resgatar sua história, cultura e identidade?

Os grupos letrados são vistos como os mais dignos e por isso passam a exercer papéis e/ou assumem identidades mais valorizadas pela sociedade; os outros grupos são vistos como indignos e sem competência para atuar nesses espaços; restam-lhes posições subalternas dentro do modelo de sociabilidade hegemônico na atualidade. A educação, a escola, as práticas de letramentos devem cumprir um papel crucial no processo de conscientização e de organização dos movimentos de classes, rumo ao processo de descolonialidade, tomando o conceito de consciência transitiva de Freire na obra *Pedagogia da Autonomia* (2012), é possível entender como a consciência é articulada à ação e reflexão (práxis), através do diálogo crítico, da fala e da vivência.

A descolonialidade é um movimento que constrói novos papéis para diversos sujeitos que historicamente foram assumindo os lugares de dominados impostos pelos senhores do capital. Por ser contraditória é um espaço gerador de resistências, é um movimento contra-hegemônico que gera possibilidades de burlar o sistema e construir espaços de lutas, possibilitando ações descoloniais. No contexto do capitalismo globalizado hegemônico, os letramentos de **resistência, enquanto prática social** constitui-se como interface entre linguagem e descolonialidade, uma vez que as práticas cotidianas, ao contribuírem para a constituição de novas identidades, possibilitando formas de resistência, se materializam como instrumentos capazes de promover processos emancipatórios libertadores. Na sequência serão abordados os processos

coloniais em Isaura e descoloniais em Dimenor, através de suas autobiografias.

Capítulo I (1875) - A Escrava Isaura - Bernardo Guimarães

Desde o berço respirando	Cala-te, pobre cativa!
Os ares da escravidão,	Teus queixumes crimes são
Como semente lançada,	E uma afronta este canto
Em terra de maldição.	Que exprime tua aflição.
A vida passo chorando,	A vida não te pertence
Minha triste condição.	Não é teu o teu coração.

“Em meio ao silêncio harmonioso da natureza, o arpejo de um piano casando-se a uma voz de mulher... O tom velado e melancólico da cantiga parecia gemido sufocado de uma solitária e sofredora”. (GUIMARAES, in: *A Escrava Isaura*, capítulo I, 1885). Assim descreve o autor a condição de escravização de Isaura. Este lamento se confirma nos fragmentos *“Desde o berço respirando; Os ares da escravidão; A vida passo chorando; Minha triste condição”*. O opressor aliena, intimida, silencia o sujeito dialógico. É preciso identificar as formas de exploração e de poder no seio dos grupos sociais e nas escolas, desvelando as ideologias que mantêm a alienação, o desconhecimento, a ingenuidade, a acomodação exercidas ostensivamente sobre o oprimido. Na verdade a desumanização de Isaura não é uma vocação histórica, senão nada teríamos a fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação e sua afirmação como pessoa, como um ser “para si”, não teria sentido.

“A desumanização é uma distorção possível na história, mas não uma vocação histórica, é fruto das contradições humanas, não é, porém, destino dado, é o resultado do processo histórico, de uma ordem injusta que gera violência dos opressores” (FREIRE, 1997, p. 16). Mais do que introjetado na mente, aquele que oprime está nas práticas cotidianas dos oprimidos. Assim, a colonialidade do ser se configura como um processo de construção e ocultação das identidades periféricas do sistema-mundo-eurocentrado. A negação da história, cultura e identidade de Isaura implica problemas reais em torno da liberdade do ser e de sua história em processo de subalternização, principalmente quando ela afirma na voz do colonizador ao som do piano *“Nesta terra de maldição; Cala-te pobre cativa! Teus queixumes crimes são; E uma afronta este canto”!*

Nos versos acima, revela uma Isaura fora de seu espaço, ocupando o espaço do outro, a cultura do outro, que não toma consciência de sua desterritorialização, a voz é a voz do outro - *“Nesta terra de maldição”* – que visualiza o mundo que se encontra marcado pela ideologia do grupo dominante na sociedade rural escravocrata patriarcal

da qual Isaura fazia parte. Descobre-se hospedeira do opressor - “*Cala-te cativa*” - e na medida em que se descobre, contribui para o partejamento de sua libertação. A pedagogia do oprimido, que não pode ser elaborada pelo opressor, é uma descoberta crítica do oprimido como manifestação de desumanização.

Os docentes do ensino médio devem desenvolver práticas que funcionem como uma contra-ideologia, um contradiscurso, através dos letramentos críticos fazer nascer o sujeito dialógico e adotar uma pedagogia que faça da opressão e de suas causas objetos de reflexão. Freire (1997, p. 05) direciona a sua opção político-pedagógica “aos esfarrapados do mundo, e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se com eles sofrem, mas sobretudo, com eles lutam”.

Teus crimes são queixumes; E uma afronta este canto – O diálogo proposto pelas elites é vertical, rígido, impeditivo do educando-massa dizer a sua palavra. Na mediação opressor versus oprimido há prescrição e imposição da opção de uma consciência à outra. Não será somente pela força da palavra, do discurso que se fará a superação da opressão, mas pela imersão que se faz na realidade concreta e pela transformação econômica, político-ideológica que ocorre. Partindo-se do conhecimento de mundo a curiosidade ingênua, poderá ser transformada em curiosidade epistemológica. Freire (1997, p. 111) diz que quando “o colonizador é expulso permanece no contexto cultural e ideológico, permanece como sombra introjetada no colonizado” porque o processo de descolonização das mentes é mais demorado do que o da expulsão física do colonizador.

Narrativas de si – Percursos de letramentos

Ao lado das práticas de letramentos escolarizadas, estão os letramentos alternativos (o projeto hip-hop, por exemplo), aqueles que fazem parte do cotidiano dos subalternizados. Os letramentos críticos têm como ponto de partida compreender os usos sociais que fazemos da oralidade, da leitura e da escrita; as teorias dos letramentos buscam entender como as pessoas leem e escrevem, assim como quais os processos utilizados para a compreensão de textos diversos; em uma perspectiva crítica consideram que essas práticas de leitura e escrita possuem significados culturais, alegações ideológicas e se inserem em relações de poder.

O hip-hop mostra-se como um inventor de tradições, por recriar, de maneira singular, as práticas culturais e educacionais que marcam o movimento social negro nas diferentes épocas, desde a chegada dos negros africanos no Brasil. Através dele abordam-se os letramentos como práticas sociais que, para além das habilidades individuais de uso da linguagem, realizam-se em determinados contextos: social, político e cultural. O *Dimenor* envolvido neste movimento, ao mesmo tempo que diz de si e da cultura hip-hop, diz também da sua cultura e de sua identidade negra.

Dimenor é negro, tem 25 anos, ensino médio completo, casado, ajudante geral, morador da região do Ipiranga/SP. Escreve, canta, é músico com registro, participa de palestras e organizações junto a outros grupos de Hip-Hop. Escreveu esta narrativa

de si no Projeto Hip-Hop Educando pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, no Brasil, em 2011.

“Preconceito e discriminação se tornavam meu pior inimigo, abrigo escondido, burguesia que olhava aqui pro preto querendo que eu fosse sempre um falido, um fudido da vida e da mídia capitalista que tentava aprisionar minha mente”...

“...mas de repente me vejo olhando para uma luz no final do túnel, melhor dizendo, dentro do túnel, metrô Hip-Hop, status de uma época sem ibope, apenas shock dos look, urubus brancos de roupas pretas, acertando lenha na verdadeira cultura de origem negra”.

- “Preconceito e discriminação” – *consciência da desumanização;*
- “... abrigos escondidos” – *condição de favelado;*
- “... burguesia querendo que eu fosse sempre um falido – *reconhece que pode mudar sua condição social;*
- “... Um fudido da vida e da mídia capitalista” – *eurocêntrismo e mídia negam as desigualdades raciais e econômicas;*
- “ urubus brancos de roupas pretas” – *brancos negam a cultura de origem negra.*

O Dimenor faz uso da linguagem não como fenômeno natural, ao contrário, são construções sociais e políticas, trazendo implícitas relações de poder. Utiliza-se do hip-hop para construir e negociar significados sobre raça, etnia, diversidade cultural e intensifica a luta em defesa dos direitos humanos num jogo de linguagem que mescla ideologias dos dominantes e dos dominados, paradoxos e relações dinâmicas de poder.

O hip-hop como letramento alternativo crítico viabiliza práticas concretas de leitura e escrita, que resultam da história, da cultura e do contexto, no qual o músico e cantor está inserido, possibilitando a abertura para que as ideologias contra-hegemônicas ganhem espaço e estabeleçam *padrões identitários de resistência, contribuindo para os processos de emancipação/libertação via usos de linguagem e promovendo a descolonialidade do poder, do saber e do ser.*

É necessário que a leitura e a escrita possibilitem afetar o leitor, seguindo uma linha ideológica, para que possam refletir sobre a realidade concreta com uma constante postura reflexiva. Leitura e escrita jamais devem ser percebidas como meras habilidades técnicas, mas como um conjunto de convenções próprias de uma cultura, de maneira que “o letramento, portanto, não precisa ser associado à escolarização” (STREET, 2014, p. 127).

Os letramentos críticos e a formação do pensamento descolonial no resgate da história, cultura e identidade dos negros no ensino médio.

No contexto do capitalismo globalizado, eurocentrado, os letramentos críticos, enquanto prática social constituem-se na interface entre linguagem e descolonialidade,

uma vez que ao contribuírem para a constituição de novos significados, ideologias e identidades, possibilitam formas de resistência e reexistência, materializando-se como instrumentos capazes de promover processos emancipatórios/libertadores.

Um pensamento descolonial acerca da educação coloca o oprimido no centro do discurso, propondo que as práticas de leitura e escrita sejam radicais e libertadoras no ensino médio; a educação autêntica é uma práxis que se propõe a promover a descolonialidade. Sendo assim, as práticas de letramentos impactam na construção de identidades. A educação libertadora é incompatível com uma pedagogia que, de maneira consciente ou mistificada, tem sido prática de dominação.

Freire (1997, p. 43) “apresenta o grande problema de como poderão os oprimidos, que hospedam o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação?” Ensina-nos que a luta apenas tem sentido se os oprimidos não se convertam em opressores dos opressores durante o processo de transformação social, mas que se comportem como restauradores da humanidade de si próprios e dos que os oprimem. O papel do opressor implica a transformação e superação da situação de opressão, implica mudar a realidade que faz do oprimido apenas “um ser para o outro”.

Freire (1997) nos convida a construir um pensamento descolonial acerca da educação, colocando o oprimido no centro do discurso educacional, propondo que as práticas de leitura e escrita sejam libertadoras e não alienantes; a educação autêntica via pedagogia crítica é uma práxis que se propõe a promover a descolonialidade. É necessário refletir e romper com as estruturas ideológicas que alimentam a dominação e a opressão em nossa sociedade, buscando promover a humanização e a libertação de todos os envolvidos nos processos de escravização, discriminação e preconceitos, para se combater os modos desiguais de inserção entre brancos e negros nos espaços sociais e escolares, respeitando sua história, cultura e identidade. Para uma sociedade desigual, preconceituosa, exploradora, opressora, exige-se uma prática educativa que promova a descolonialidade, a transformação, igualdade, valorização do ser humano nos aspectos universais e locais. A descolonialidade tem como aportes os movimentos sociais e suas lutas contra os diversos tipos de opressão e desigualdades. Agora, estou saindo fora junto com Dimenor:

- *“Dimenor saindo fora; Procurando resposta; Essa sim é minha lógica; Não importa, quanto tempo leve”*
- *“Isso não me entristece; E sim me deixa alegre; Pois sei o que falo e o que penso; Afro favelado; Um orgulho de ser; De um povo negro!! AXÉ!!!”*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Literatura Afro-Brasileira na esfera da educação básica abre caminho para um novo olhar, levando em conta a diversidade histórica e identitária que constitui a sociedade brasileira. Esse novo olhar diz respeito às novas práticas pedagógicas, com prioridade para os letramentos de resistência e reexistência, no sentido de substituir

as antigas práticas eurocêntricas carregadas de preconceitos e discriminação que sempre tomaram como parâmetro a hegemonia racial imposta. De acordo com a Lei 10.639/2003 que se atenta ao ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação Básica, procura-se assegurar a todos o direito à igualdade de cidadania e de acesso aos bens culturais, bem como do reconhecimento da história e das culturas que compõem a nação brasileira, de modo particular a da população afro-brasileira.

O § 1º a que se refere o caput do artigo 26 da Lei 9394/1996, inclui o estudo da História da África e dos Africanos na educação básica, considerando a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política. E no § 2º deste mesmo artigo diz que os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística, de Literatura e História Brasileiras.

Diante do exposto, este trabalho traz como contribuição uma reflexão sobre as práticas de letramentos em sala de aula, instaurando-se um debate sobre a produção cultural e os letramentos no hip-hop, os processos de colonialidade x descolonialidade, pondo em confronto o eurocentrismo x cultura do Sul, através da análise da autobiografia de Isaura, desenhada por Bernardo Guimarães (1875), em contraste com a autobiografia de Dimenor (narrativas de si, 2011), ativista da diáspora negra, que vivencia percursos de letramentos (escrivência da descolonialidade).

Postula-se que é imprescindível a discussão sobre grupos socialmente minorizados que, de alguma maneira, têm na escola a inviabilização de sua história, cultura e identidade. E os efeitos disso percebem-se nos dados estatísticos que estampam ainda uma realidade muito desfavorável, em especial para a população negra, sendo necessárias práticas de letramentos de resistência e reexistência como forma de ressignificação da história, cultura e identidade dos (das) negros (as) nos espaços escolares.

REFERENCIAS

ARAÚJO, C. A. M. da interdição escolar às ações educacionais de sucesso: escolas dos movimentos negros e escolas profissionais técnicas e tecnológicas, in: ROMÃO, J. *História da educação do negro e outras histórias*. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

BAKTHIN, M./VOLÓSHINOV, V.N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1995.

BARROS, S.A.P. Discutindo a escolarização da população negra em São Paulo entre o final do século XIX e início do século XX, in: ROMÃO, J. *História da educação do negro e outras histórias*. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

BARTON, D; HAMILTON, M & IVANIC, R. (Orgs.). *Situated Literacies: Reading and Writing in Context*. Londres: Routledge, 2000.

CARDOZO, P.J.F. A vida na escola e a escola da vida: experiências educativas de afrodescendentes em Santa Catarina no século XX, in: ROMÃO, J. *História da educação do negro e outras histórias*.

Brasília: Ministério da Educação. Secretaria da educação continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Lei nº 9394 que aprova as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, DF, 1996.

CRUZ, M.S. Uma abordagem sobre a história da educação dos negros, in: ROMÃO, J. *História da educação do negro e outras histórias*. Brasília: Ministério da Educação. . Secretaria da educação continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

CUNHA, L.M. A população negra nos conteúdos ministrados no curso normal e nas escolas primárias de Pernambuco, de 1919 a 1934. In: ROMÃO, J. *História da educação do negro e outras histórias*. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria da educação continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

FONSECA, M.D. Pretos, pardos crioulos e cabras nas escolas mineiras do século XIX, in: ROMÃO, J. *História da educação do negro e outras histórias*. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria da educação continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

FONTENELE, L.M.S. O novo contexto da educação especial: *uma pesquisa etnográfico-discursiva sobre identidades profissionais maternas*. Tese do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade, Federal do Ceará, 2014

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 54ª ed. Rio de Janeiro: paz e terra, 1997.

GUIMARAES, B. *A Escrava Isaura*. Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro. Disponível em: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. Acesso em 03 de nov, 2017.

GROSGOUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global, in: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

HENRIQUES, R. *Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90*. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

KLEIMAN, A.B. Modelos de letramentos e as práticas de alfabetização na escola, in: KLEIMAN, A.B. (Org.). *Os significados dos letramentos*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MOYSÉS, S.M.A. Literatura e história: imagens de leitura e leitores no Brasil no século XIX. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, vol. 0, set./dez. 1995

PASSOS, E; KASTRUP, V & ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto alegre: sulina, 2015.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e America latina. Em livro: *A colonialidade do saber: etnocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas*. Edgardo Lander (Org.) Colección Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro de 2005.

SOUSA, A.L.S. *Letramentos de resistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP*. São Paulo: Parábola, 2011.

STREET, B. *Letramentos sociais: abordagens críticas de letramentos no desenvolvimento na etnografia da educação*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

WALSH, C. Interculturalidad, Plurinacionalid y Descolonialidad: las insurgências político-epistémicas de refundar el estado. *Tabula rasa*. Colombia – Bogotá, nº 9: 131- 152, julho – diciembre, 2008.

SOBRE A ORGANIZADORA

ANGELA MARIA GOMES Licenciada em Letras e Especialista em Gestão de Pessoas e Gestão de Treinamento & Desenvolvimento de Pessoas pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR). Atuação na Educação Formal como: Supervisora de Ensino; Docente em Ensino Médio e Curso preparatório para concursos na área de Língua Portuguesa; Docente em Ensino Superior nas áreas Português Instrumental e Gestão de Pessoas; Relatora do CEP – comitê de Ética em Pesquisa. Atuação na Educação Profissionalizante como Técnica em Educação Profissional, coordenando cursos de aprendizagem, capacitação e aperfeiçoamento; Instrutora de Desenvolvimento Pessoal. Participante do Programa Uaná de voluntariado executivo do ISAE/FGV – Curitiba/Pr. Palestrante nos temas: “Educação: Processo de construção, dos agentes à influência na vida profissional.” ; “Competência Humana como Diferencial Competitivo: Contrata-se pelo currículo, demite-se pelas atitudes.”; “Comunicação Assertiva Atualmente atua na Associação Menonita - Faculdade Fidelis - como docente e revisora dos artigos da Revista científica Cógno, assim como Técnica de Atividades no Serviço Social do Comércio/SESC – Curitiba/Pr coordenando projetos na área de Educação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-069-8

